

O que Hegel entende por ciência?

What Hegel understands by science?

Tomás Farcic Menk¹

Resumo: Hegel repetidas vezes utiliza o termo ciência, sendo este de importância central na sua obra. Mas o que ele entende por ciência? O que ele quer dizer quando diz, por exemplo, *Ciência da Lógica*? O nosso trabalho se propõe a analisar qual seria o significado de ciência para Hegel. Para tanto, iremos dividi-lo em três partes. Na primeira tentaremos mostrar como Hegel difere a ciência propriamente filosófica (que realmente tem interesse para ele) das outras formas de ciências, tais como a biologia e a física. Em um segundo momento, tentaremos demonstrar como a ciência é para Hegel o saber, assim como é demonstrado na sua formulação do sistema da ciência. A ciência seria o saber, mas não simplesmente qualquer saber, mas o saber verdadeiro, que pode ser demonstrado. Esta ciência é o próprio movimento que a filosofia faz através do conceito para chegar à verdade. O último aspecto da ciência em Hegel analisado em nosso trabalho seria o seu caráter sistemático, onde um conceito deriva de outro dialeticamente desde o saber mais elementar e básico até o saber absoluto.

Palavras-chave: Hegel. Ciência. Verdade. Saber Absoluto.

Abstract: In his works, Hegel repeatedly uses the term science, which is of central importance. But what he understands by science? What does he want say, for example, with *Science of Logic*? Our work aims to analyze what would be the meaning of science for Hegel. For this, we divide it into three parts. In the first, we attempt to show how Hegel differs properly philosophical science (which really is of interest to him) from other forms of science, such as biology and physics. In a second step, we try to demonstrate how science is to know to Hegel, as is demonstrated in its formulation of the "system of science". Science is to know, but not just any knowledge, but true knowledge, which can be demonstrated. This science is the movement that philosophy makes through of concept to get to the truth. The last aspect of science analyzed in our study would be show their systematic character, where a concept derives from another dialectically, since to know more elementary and basic until absolute knowledge.

Key-words: Hegel. Science. Truth. Absolute Knowing

Introdução

Ciência é um termo recorrente na filosofia hegeliana. Ela compõe alguns títulos das obras do autor, tal como *Ciência da Lógica*² e *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*³. Mas o que ele realmente quer dizer quando diz ciência? É esta pergunta que este trabalho pretende analisar. Tentaremos, para tanto, fazer uma análise conceitual, buscando em suas diversas obras argumentos que fundamentem tal definição, visto que Hegel não apresenta nenhuma definição direta ou explícita.

Em um primeiro momento iremos diferenciar ciência no aspecto filosófico dos outros tipos de ciências. Segundo a nossa leitura de Hegel, é possível considerar a filosofia uma ciência, e, portanto, é plausível fazer uma relação com as suas diferentes formas. É claro que Hegel não tinha

¹ Doutorando em filosofia – UFRGS. Bolsista CAPES. Email: tomas_farcic@yahoo.com.br ou tomafarcic@gmail.com

² Doravante com C.L.

³ Doravante como E.C.F.

uma acepção moderna do termo, com sua pluralidade de divisões e especializações. Muito antes, ele ainda conserva em partes a visão do período moderno de que a ciência é algo que visa a verdade, ou um fim último de saber absoluto. Dada esta divisão entre a ciência dita filosófica (que é a preocupação de Hegel) e outros tipos de ciência (como física, biologia, etc.), iremos analisar as características desta ciência filosófica.

Podemos dividir esta ciência filosófica no sentido hegeliano em duas, sendo a primeira a que chamaremos de sentido fenomenológico e a segunda de sentido epistemológico. A primeira se refere a *Fenomenologia do Espírito*⁴. Nela a ciência pode ser entendida como a verdade. O termo em alemão que Hegel usa na F.E. para designar ciência é *Wissenschaft*, sendo *wissen* saber ou conhecimento. O autor dá uma interpretação do termo que aproxima muito ambos os sentidos, ou seja, saber, conhecimento e ciência. cremos que não seja incorreto, no contexto hegeliano, traduzir *Wissenschaft* por sabedoria. Assim em um segundo momento do trabalho, no analisamos este sentido de ciência, enquanto saber.

Na última seção deste artigo definimos ciência segundo o seu sentido epistemológico, que pode ser compreendido na leitura tanto na C.L. como na E.C.F. Nestas obras, a ciência pode ser entendida como sistema. Este sistema é mais que uma mera estruturação de conceitos, pois ele permeia o conteúdo do saber, ou seja, a ciência é mais que uma mera ordenação de conceitos. Ela se confunde várias vezes com a coisa mesma abordada. Também devemos ressaltar que o sistema tem um caráter de circularidade, onde o final deve proporcionar argumentos que fundamentem o início.

A que tipo de ciência Hegel se refere.

Hegel, no primeiro parágrafo da E.C.F. afirma que “A filosofia não tem a vantagem, de que gozam as outras ciências, de poder *pressupor* seus *objetos* como imediatamente dados pela representação; e também como já admitido o *método* do conhecer”⁵. A primeira conclusão que podemos ter desta citação é a classificação da filosofia como ciência. Nessa seção de nosso trabalho o foco será este, de analisar a filosofia enquanto ciência. Outro sentido que podemos observar, é que a filosofia não pode pressupor seu objeto. A física, por exemplo, tem um objetivo claro: estudar as leis da natureza. A biologia estuda os seres vivos. Assim, todas as ciências possuem, sem precisar de uma reflexão ou uma consideração maior, objetos que já são predeterminados pela própria ciência. Ora, se Hegel coloca a filosofia como uma ciência, o que seria esta ciência filosófica? Qual é o seu objeto de estudo, já que não podemos pressupô-lo?

Essa não possibilidade de pressuposição da filosofia enquanto ciência implica que ela mesma deve dar a si seu objeto. Ora, se ela não pode conseguir seu objeto externamente, só é possível que obtenha internamente. Isso leva-nos a pensar que a busca do objeto filosófico é sempre uma meta-

⁴ Doravante abreviada como F.E.

⁵ HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*. São Paulo: Editora Loyola, 1995. §1

filosofia. Ela é seu próprio objeto, e como tal, só pode ter como resposta a própria filosofia. Isso gera um problema, pois se a filosofia enquanto ciência da origem a si mesma, como estabelecer um início para ela? Esse é justamente a preocupação de Hegel tanto na C.L. na seção “com o que deve ser feito o início da ciência?”⁶ quanto nos primeiros parágrafos da E.C.F. Ele expressa esta frustração ao dizer: “Mas a dificuldade de instituir um *começo* apresenta-se ao mesmo tempo, porque um começo, como algo *imediato*, faz sua pressuposição; ou melhor, ele mesmo é uma pressuposição.”⁷. Estabelecer um início neste círculo é sempre uma atitude arbitrária. Então como empreender a investigação filosófica? Hegel afirma que:

Inicialmente, a filosofia pode determinar-se, em geral, como *consideração pensante* dos objetos. Se é correto (e será bem correto) que o *homem* se distingue dos *animais* pelo pensar, tudo o que é humano é humano porque – e só porque – se efetua por meio do pensar. Porém, enquanto a filosofia é um modo peculiar de pensar, uma maneira pela qual o pensar se torna conhecer e conhecer conceitualmente, seu pensar terá também uma *diversidade* em relação ao pensar ativo em tudo o que é humano, e mesmo que efetua a humanidade do humano; tanto como é idêntico a esse pensar: *em si* só existe *um* pensar. Essa diferença está ligada [ao fato de] que o conteúdo humano da consciência, fundado graças ao pensar, não *aparece* primeiro *na forma de pensamento*, mas como sentimento, intuição, representação – *formas* a serem diferenciadas do pensar *enquanto forma*.⁸

Ora, o que o homem tem de mais imediato e claro é seu pensar, e que isto o difere dos animais. Hegel coloca, portanto, que o objeto imediato da filosofia é o pensar. Podemos perceber também que a filosofia é a atividade de pensar, e que este possui, por sua vez, os seus objetos. O pensamento deve se aprofundar nestes objetos. A filosofia se constitui dessa forma como absoluta, pois todo ser pensante pode fazê-la, e nela os objetos se tornam conceitos. O que difere o homem do animal, diz Hegel de forma semelhante a Aristóteles, é que o homem pode se locomover no mundo dos conceitos. O animal não consegue fazer abstrações racionais.

Em um primeiro plano, portanto, a filosofia enquanto ciência trata do pensar. Entretanto, este pensar não é qualquer tipo de imaginação ou devaneio, ou meramente representações abstratas. Nesse pensar, ele faz-se a si objeto, pensa sobre o pensar e é isto que o qualifica como atividade filosófica. Ora, na nossa consciência mais imediata, os pensamentos estão revestidos com a roupagem do sensível, da representação. Desenvolver uma consciência filosófica é fazer do pensar o objeto sem essa roupagem das sensações. O que Hegel parece querer dizer-nos é isso: é preciso pensar para chegar ao pensar. O pensar é o movimento em que o pensar realiza no próprio pensar, ou seja, o pensamento atua no pensamento.

Na *Introdução as Lições de História da Filosofia*, Hegel escreve que: “O homem é pensando; e, então, ele pensa os pensamentos. No pensar, só o pensar é objeto, a racionalidade produz

⁶ HEGEL, G.W.F. *Ciência da Lógica*. São Paulo: Barcarolla, 2011. P 49 - 61.

⁷ HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*. São Paulo: Editora Loyola, 1995. §1

⁸ HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*. São Paulo: Editora Loyola, 1995. §2

[algo de] racional, a razão é-lhe objeto”⁹. A filosofia enquanto ciência tem como primeiro objeto o pensar. Porém, de forma concomitante a este pensar existe a consciência. Para Hegel, uma obra filosófica é na verdade, uma atividade consciente de si.

Então temos que a ciência enquanto filosofia pode ser entendida como o estudo do pensar pelo pensar. Isso já nós dá uma perspectiva clara da primeira consideração de ciência e nos mostra a distinção entre a filosofia e as outras ciências. Isto é importante, pois na época de Hegel muita coisa não filosófica era considerada filosofia. Talvez esta colocação seja estranha aos leitores contemporâneos, pois estamos no auge da especificação das ciências, mas na época de Hegel várias ciências eram consideradas filosofias. Ele acusa, por exemplo, os ingleses de considerarem os químicos, físicos, etc., como filósofos e de chamarem seus instrumentos, tal como os termômetros e barômetros, de instrumentos filosóficos¹⁰. É por este motivo que ele celebra a volta da autonomia da reflexão aos tempos modernos, onde só o pensar é objeto da filosofia, referência clara ao idealismo alemão. As outras ciências têm como característica, para Hegel, de usar o pensar para analisar dados, enquanto a filosofia tem o pensar para analisar o pensar.

A ciência como a verdade.

Colocada em seus aspectos gerais, ou seja, da ciência filosófica, devemos definir quais são as suas características. A primeira é a que denominamos de fenomenológica, ou seja, uma identificação da ciência com o saber. Hegel¹¹ diz que “A primeira questão é esta: qual é o objeto de nossa ciência? A resposta mais simples, e mais fácil de entender, para essa pergunta, é que a verdade é esse objeto”. Dado que Wissenschaft tem como raiz a palavra wissen, podemos entender que para Hegel a ciência está ligada a uma significação de saber ou conhecimento. No prefácio da F.E. Hegel afirma que:

A verdadeira figura, em que a verdade existe, só pode ser o seu sistema científico. Colaborar para que a filosofia se aproxime da forma da ciência – da meta em que deixe de chamar-se amor ao saber para ser saber efetivo – é isso o que me proponho. Reside na natureza do saber a necessidade interior de que seja ciência, e somente a exposição da própria filosofia será uma explicação satisfatória a respeito. Porém a necessidade exterior é idêntica à necessidade interior – desde que concebida de modo universal e prescindindo da contingência da pessoa e das motivações individuais – e consiste na figura sob a qual uma época representa o ser-aí de seus momentos. Portanto a única justificação verdadeira das tentativas, que visam esse fim, seria mostrar que chegou o tempo de elevar a filosofia à condição de ciência, pois, ao demonstrar sua necessidade, estaria ao mesmo tempo realizando sua meta.¹²

⁹ HEGEL, G.W.F. *Introdução as Lições de História da Filosofia*. Porto: Porto Editora, 1995. p. 66.

¹⁰ HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*. São Paulo: Edições Loyola. 1995. §7, adendo

¹¹ HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*. São Paulo: Editora Loyola, 1995. § 19, adendo

¹² HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. P. 27-28

Esta citação contém um argumento forte de Hegel, que a ciência deve se tornar saber efetivo, e não apenas amor ao saber, ou seja, deve-se por em contato com a coisa mesma, e se esta coisa é o saber, a ciência deve se por em relação com o saber. Existe uma correlação, portanto, entre ciência e saber, sabedoria. Podemos entender a ciência como esse percurso da efetivação do saber, que chega ao saber absoluto, isto é, o saber do saber. A ciência seria tanto esta culminação do saber quanto o movimento constituinte deste saber no mundo através da experiência da consciência.

Na F.E. encontramos a definição de ciência nos dois extremos da obra, no seu começo (no prefácio) e no seu final (no saber absoluto). Mas, como se sabe que o prefácio foi escrito posteriormente a conclusão da obra, e quanto ao seu conteúdo ela está no âmbito do para nós, ou seja, de quem já percorreu todo o caminho fenomenológico (o para nós), existe uma correlação entre o saber absoluto e o prefácio. Sendo a ciência apresentada no saber absoluto, podemos entender que ela tem a característica de um saber que já chegou ao final de seu processo fenomenológico, ou seja, é um saber efetivo, mas que preserva seus momentos constituintes.

A ciência como sistema.

Uma segunda acepção de ciência é como sistema circular. Podemos chamá-lo de sentido epistemológico e ele está na C.L. e na E.C.F. Esta característica da ciência mostra algo importante dentro do pensamento hegeliano, a sua circularidade, onde o final fundamenta o começo, ou de outra forma, o final da E.N.C. apresenta os argumentos que fundamentam e justificam o começo da obra. Assim, a ciência seria um círculo. Isto nos mostra como todos os conceitos estão intrinsecamente ligados e em ‘movimento’. A conclusão final da E.C.F. deve retomar a sua primeira definição; a obra como um todo é vista como retornando ao seu começo. E cada um dos seus momentos de desenvolvimento é cada qual um círculo ele mesmo, pois no seu momento ele é uma totalidade, que depois será suprasumido por outro momento, que em si, também é uma esfera que possui totalidade. Kojève, em sua *Introdução à Leitura de Hegel*, faz uma observação muito interessante sobre este aspecto da filosofia hegeliana:

A filosofia tem de ser científica. A ciência ou filosofia é necessária e completa; não é uma especulação individual. O sistema tem de ser circular; só então ele é necessário e completo. A circularidade é o critério da verdade (absoluta) da filosofia. É de fato o único critério (imaneente) possível da verdade no monismo idealista (e talvez em geral).¹³

A circularidade do sistema da ciência nos mostra que o saber deve fazer um movimento interno para que se conheça, e o saber se torne saber do saber. Ora, isso nos indica que a sistematicidade da obra inclui um valor de verdade absoluto, e assim, o sistema não é só a estrutura da ciência, mas também seu conteúdo. Pode parecer estranho que a forma estrutural da ciência influencie

¹³ KOJEVE, A. *Introdução à Leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002. p. 37

o seu conteúdo, mas segundo a nossa leitura é exatamente isso que ocorre em Hegel. Como Kojève nos adverte constantemente, em Hegel o sentido sistemático da sua filosofia tem um significado muito mais profundo do que apenas indicar a sua estrutura interna. O desenvolvimento circular da ciência é tanto o seu conteúdo quanto a sua estrutura.

Cada uma das partes da filosofia é um Todo filosófico, um círculo que se fecha sobre si mesmo; mas a ideia filosófica está ali em uma particular determinidade ou elemento. O círculo singular, por ser em si totalidade, rompe também a barreira de seu elemento e funda uma esfera ulterior. Por conseguinte, o todo se apresenta como um círculo de círculos, cada um dos quais é um momento necessário, de modo que o sistema de seus elementos próprios constitui a ideia completa, que igualmente aparece em cada elemento singular.¹⁴

A *Enciclopédia* só pode ser verdadeiramente científica se for circular, pois só assim ela pode ser uma obra autorreferente, que não precisa de nada externo a ela para se complementar. Só assim é possível que o todo se expresse, em sua própria interioridade, que em seu desenvolvimento é naturalmente circular, é auto determinar-se. Assim, por meio deste movimento circular que a ciência se mostra como auto realização da ideia. Hegel [1995, §16] afirma que: “Enquanto *Enciclopédia*, a ciência não é exposta no desenvolvimento minucioso de sua particularização, mas tem de limitar-se aos elementos iniciais aos conceitos fundamentais das ciências particulares.”¹⁵ A ciência como entendida aqui não é um mero acúmulo de saberes, ou saberes particulares, mas sim, a demonstração do desenvolvimento do saber absoluto. Este saber absoluto busca o seu próprio conceito, que deve ser o fim último da ciência. Hegel afirma que:

Quanto ao começo que a filosofia tem de instaurar, parece igualmente que a filosofia em geral começa com a pressuposição subjetiva, como as outras ciências. A saber: tem de fazer de um objeto particular o objeto do pensar. Como nas outras [ciências] esse objeto é o espaço, o número etc. aqui [na filosofia] é o pensar [mesmo]. Porém o ato livre do pensar é isto: colocar-se no ponto de vista em que é para si mesmo, e por isso se engendra e se dá seu objeto mesmo. No mais, esse ponto de vista, que assim aparece como imediato, deve, no interior da ciência, fazer-se *resultado*; e na verdade o resultado último da ciência, no qual ela alcança de novo seu começo e retorna sobre si mesma. Dessa maneira a filosofia se mostra como círculo que retorna sobre si, que não tem começo – no sentido das outras ciências –, de modo que o começo é só uma relação para com o sujeito, enquanto esse quer decidir-se a filosofar, mas não para com a ciência enquanto tal. Ou, o que é o mesmo, o conceito da ciência e por isso o primeiro conceito – e, por ser o primeiro, contém a separação [a saber], que o pensar é o objeto para um sujeito filosofante (de certo modo exterior) – [esse conceito] deve ser apreendido pela própria ciência. É mesmo esse seu único fim, agir e meta: alcançar o conceito de seu conceito, e assim a seu retorno [sobre si] e à sua satisfação.¹⁶

O começo da filosofia é quando o sujeito pensante começa a pensar, ou seja, quando começa a dirigir a sua consciência para a sua própria interioridade. Quando o homem consciente de si reflete, não acerca de assuntos banais ou supérfluos, mas para apropriar-se do próprio pensar. Este também é o

¹⁴ HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*. São Paulo: Editora Loyola, 1995. §15

¹⁵ HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*. São Paulo: Editora Loyola, 1995. §16

¹⁶ HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*. São Paulo: Editora Loyola, 1995. §17

resultado, por isso ela é um círculo, diferentemente das outras ciências. A filosofia dá a si mesma seu objeto. As outras ciências recebem seu objeto externamente. Portanto o objeto da filosofia é o pensar sobre o pensar, e este deve ser o seu único objeto. A filosofia deve atingir o conceito de pensar, de modo consciente.

Conclusão

Devemos entender que Hegel não pensa na ciência nos moldes contemporâneos, e sim de uma forma clássica, onde ela era uma busca pela verdade. Desta forma podemos estabelecer duas formas gerais de classificá-la. Primeiro no aspecto fenomenológico, onde ela é entendida como saber, onde a filosofia tem que se transformar do amor à sabedoria para se tornar saber efetivo, e um segundo aspecto, onde a ciência é analisada de forma epistemológica. Neste trabalho podemos então ter as seguintes conclusões:

1 – Hegel considera a filosofia uma ciência, mas não uma ciência igual as outras. Ela está numa categoria muito especial de ciência, que podemos entender com *a* ciência. Primeiramente ela não possui pressupostos, tal como as outras ciências, e, portanto, ela precisa fornecer seus próprios postulados. Em segundo ela é ciência que lida com o pensar por excelência, e, desta forma, é a mais universal e básica de todas, ou seja, ela engloba todas as outras ciências.

2 – A ciência tem um sentido fenomenológico, que seria a sua identificação com a verdade e o saber. A vivência do ser consciente no mundo o levaria a conhecer e se autoconhecer, desde uma certeza sensível até o saber absoluto. A ciência seria esta culminação do saber, o saber que sabe a si mesmo; o saber do saber.

3 – A ciência tem um sentido epistemológico, onde ela é sistemática e circular. Assim, a ciência não seria a mera soma das partes, mas muito antes um todo circular, auto fundante e sistemático, onde um conteúdo deve ser entendido como um momento deste todo.

Assim, podemos concluir que a filosofia é a ciência por excelência, a ciência que engloba todas as outras, e é um sistema circular e auto-fundante que dá a si mesmo o seu objeto e tem como realização do saber ou a verdade absoluta. A ciência é a verdade, mas a verdade que conhece a sua estruturação interna. Numa formulação concisa podemos dizer, por fim, que *a ciência é o sistema do saber absoluto*.

Bibliografia:

- HEGEL, G.W.F. *Ciência da Lógica*. Tradução: Marco Aurelio Werle. São Paulo: Barcarolla, 2011.
- _____. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compendio* (1830). Tradução: Paulo Meneses e José Nogueira Machado. São Paulo: Editora Loyola, 1995. Vol. I, II, III.
- _____. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome* (1830). Lisboa: edições 70, 1988. Vol. I, II, III.
- _____. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução: Paulo Meneses. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- _____. *Introdução às Lições sobre História da Filosofia*. Tradução: José Barata-Moura. Porto: Porto Editora, 1995.

KOJEVE, A. *Introdução à Leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.